

# A ECONOMIA VERBAL DE ELIZABETH MARTINS: ENTREVISTA<sup>1</sup>

---

## THE VERBAL ECONOMY OF ELIZABETH MARTINS: AN INTERVIEW

Vitor Cei\*

**E**lizabeth Martins nasceu em Vitória (ES) em 1952, onde reside até hoje. Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1973, trabalhou como professora durante 12 anos, com experiências no antigo Ginásio Maria Ortiz, na antiga Escola Técnica Federal e no Colégio Martim Lutero. Sua experiência como educadora a fez compreender profundamente o papel da leitura na formação das crianças, promovendo habilidades como pensamento crítico, criatividade, empatia e compreensão do mundo ao redor.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Elizabeth Martins em Manguinhos, nos anos de sua graduação em História, 1970, na Ufes (Acervo da autora).



Área dos ICs na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), nos anos 1970-80 (Foto sem crédito).

Nesta entrevista, respondida em 23 de fevereiro de 2024, Elizabeth Martins relata que sua jornada literária foi um processo gradual de imersão no mundo das letras. Desde a infância, a leitura, especialmente das obras de Monteiro Lobato,

foi uma companheira constante, estimulando sua imaginação, criatividade e amor pela escrita. Somente na maturidade, aos quarenta anos, ela decidiu compartilhar sua produção com o público.



Elizabeth Martins na infância e adolescência, em Vitória (Acervo da autora).



Colégio do Carmo, em Vitória, onde Elizabeth Martins estudou nos anos 1960 (Acervo da autora).

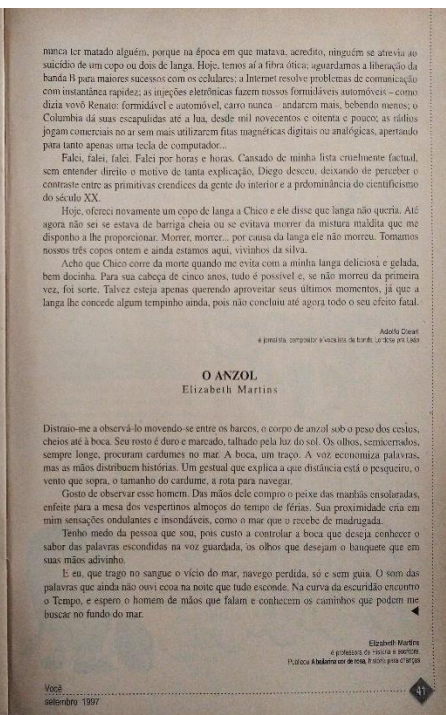
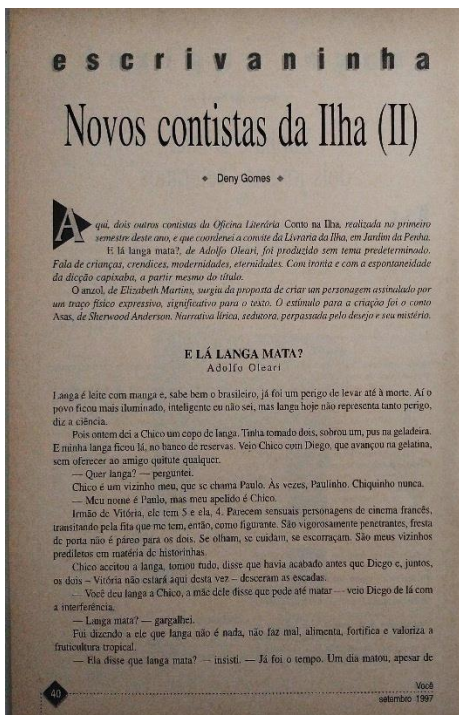
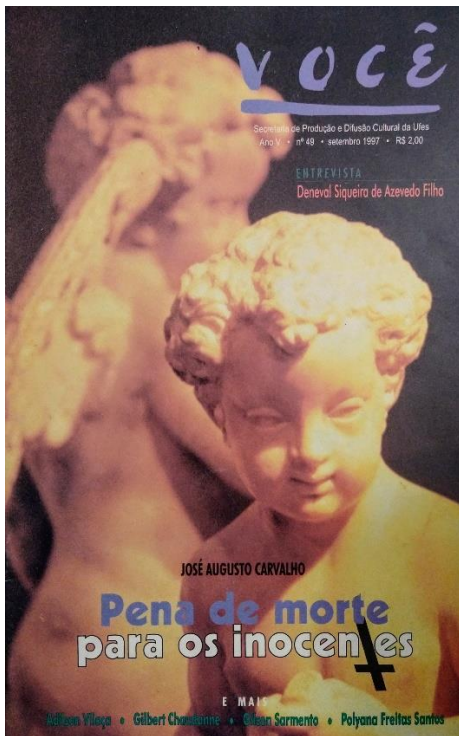
Em 1994, Elizabeth Martins fez sua estreia na literatura infantil com a publicação do livro *A bailarina cor-de-rosa* (edição independente, 1994, já na 3ª edição, 2006). Este foi apenas o primeiro passo de uma trajetória marcante, que inclui *João, o botão* (edição independente, 1999, na 4ª edição, 2011) e *O jardim de Laila* (edição independente, 2007, na 2ª edição, 2008), obras que consolidaram seu nome como uma das mais renomadas autoras de livros infantis do Espírito Santo, com mais de doze mil exemplares vendidos (OREQUIO, 2020, p. 77).



Registros do lançamento de *O jardim de Laila*, de Elizabeth Martins, e dos trabalhos escolares sobre o livro (Fotos sem crédito na rede social da autora).

A colaboração de ilustradores em seus livros infantis tem sido uma parte essencial de seu processo criativo. A maneira como as imagens se entrelaçam com sua narrativa verbal adiciona camadas de significado e profundidade às suas histórias, criando uma experiência de leitura verdadeiramente imersiva. Essa interação entre imagem e texto não apenas enriquece suas obras, mas também influencia sua própria abordagem à escrita, estimulando-a a explorar novas formas de expressão e comunicação.

Nos anos 1990, tornou-se cronista e foi publicada no jornal *A Gazeta*, nas revistas *Hype*, *Você*, *Intelecto*, e em publicações eventuais da Secretaria Municipal de Cultura de Vitória. Em 2014, lançou a coletânea de crônicas *Introdução à leveza*, editada pela Formar com financiamento da Lei Rubem Braga de incentivo à cultura.



Capa da revista *Você* (Vitória, ano 5, n. 49, setembro 1997) e página com o conto "O anzol", de Elizabeth Martins.



Capa da revista *Hype* (Vitória, ano 1, n. 1, maio 2003) e página com a crônica “O presente”, de Elizabeth Martins.



Capa do tabloide *Leve a vida* e página com crônica de Elizabeth Martins.

No prefácio de *Introdução à leveza*, Luiz Guilherme Santos Neves destaca a concisão estilística, caracterizada como “uma economia verbal que chega a ser atordoante” (NEVES, 2014, p. 08). Esse estilo não apenas torna suas histórias acessíveis e cativantes para leitores de todas as idades, mas também reflete uma preocupação estilística da autora.

Elizabeth Martins, com postura engajada e consciente, envolve-se de forma profissional com a literatura infantil, estudando sobre essa fase do aprendizado das crianças e levando o livro até elas (SILVA; OLIVEIRA, 2023, p. 30). Assim, a

escritora dedica-se com entusiasmo ao trabalho com crianças em escolas públicas e particulares da Grande Vitória, compartilhando seus livros e os de outros autores, incentivando o prazer da leitura.

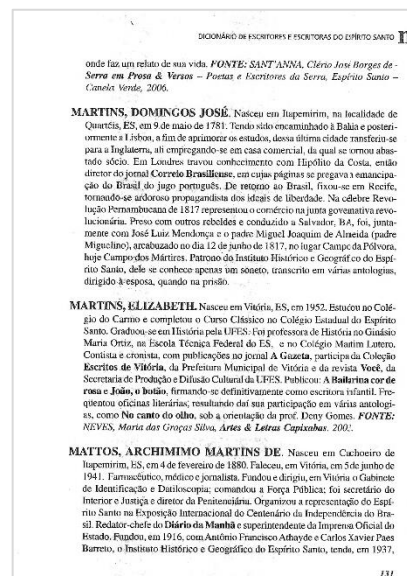
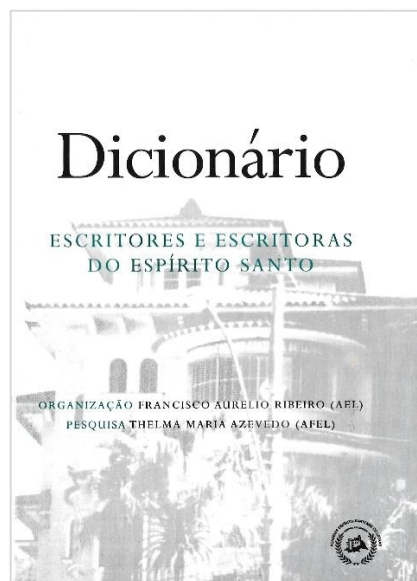
No que diz respeito ao público-alvo de sua escrita, Elizabeth Martins demonstra um compromisso sincero em alcançar e inspirar leitores de todas as idades. Sua escrita é acessível e aborda uma ampla gama de experiências humanas, especialmente relacionadas à infância, à família e à cidade de Vitória. Esses temas criam uma forte ligação emocional com o leitor, proporcionando uma experiência envolvente e significativa.





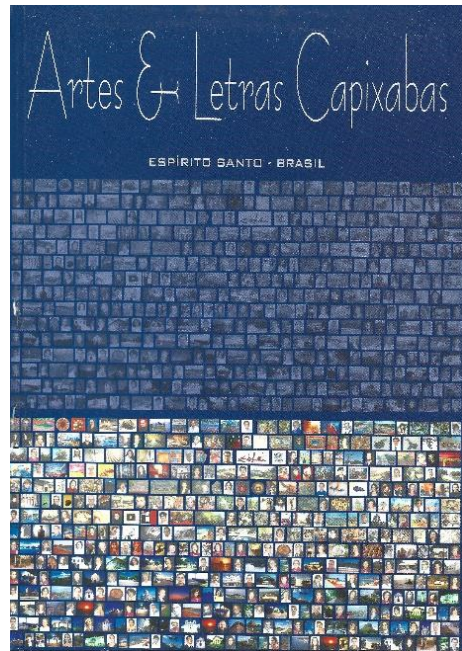
Selfies e fotos (sem crédito) de Elizabeth Martins e de sua participação em evento numa escola (Foto sem crédito).

O reconhecimento regional da autora é notável, como evidenciado neste número da *Fernão*. No entanto, como muitos escritores do Espírito Santo, ela enfrenta desafios como circulação limitada, distribuição restrita e pouco reconhecimento nacional. Mesmo diante desses obstáculos, ela os encara como oportunidades para se conectar mais profundamente com seu público e construir laços significativos dentro de sua comunidade. Nesse sentido, ela volta à sala de aula.



Capa do *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*, de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo, e página com o verbete sobre Elizabeth Martins.





### Elizabeth Martins

Estudo do Colégio de Deus em Vitória e suas implicações na literatura capixaba. O estudo foi realizado em 1982, sob a orientação do professor Dr. João Carlos Figueiredo. O trabalho foi publicado em 1983, sob o título "O Colégio de Deus em Vitória e suas implicações na literatura capixaba".



NASCIDA em Vitória, ES em 1949. Pós-graduada em Letras em 1982.

### O COLAR DE LÍLIAS

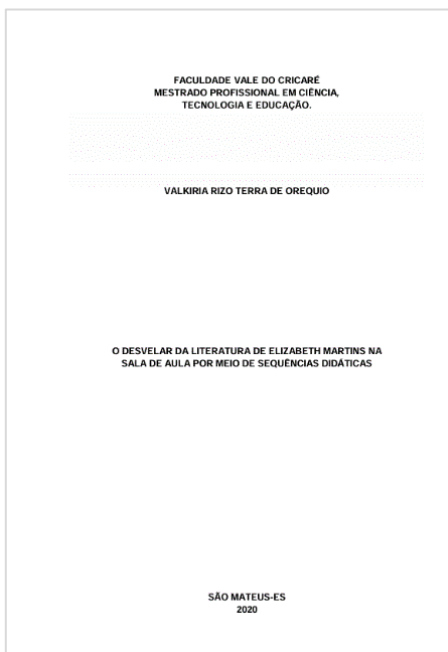
Este trabalho trata da obra "O Colar de Lílias" de Elizabeth Martins, publicada em 1983. O estudo analisa a estrutura narrativa e os temas abordados na obra, destacando a importância da linguagem e da forma.

### THE MOON NECKLACE

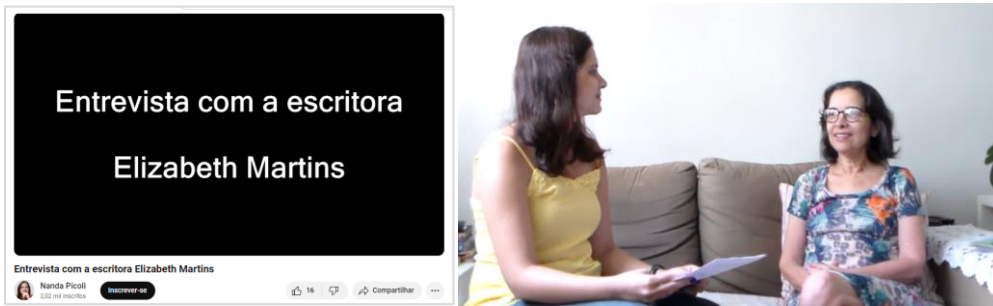
This work deals with the book "The Moon Necklace" by Elizabeth Martins, published in 1983. The study analyzes the narrative structure and the themes addressed in the work, highlighting the importance of language and form.

Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo, Vitória, ano 6, s. 2, n. 12, jul./dez. 2024.

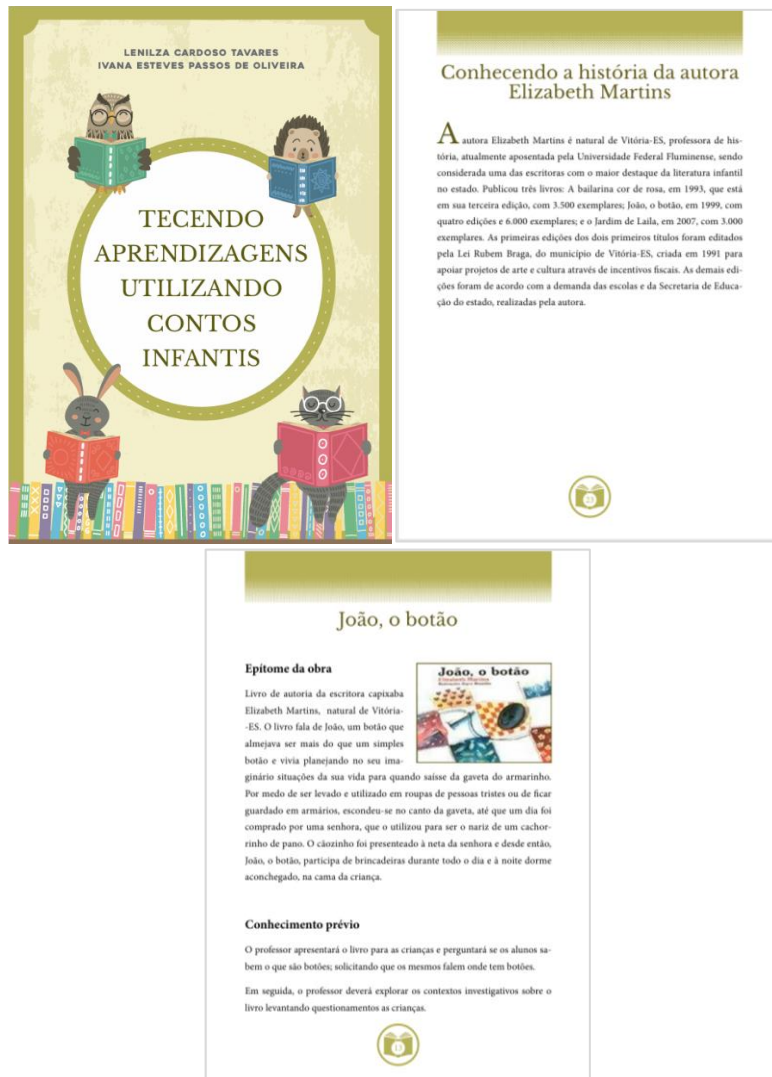
Capa do registro informativo *Artes & letras capixabas*, de Graça Neves, e verbete sobre Elizabeth Martins



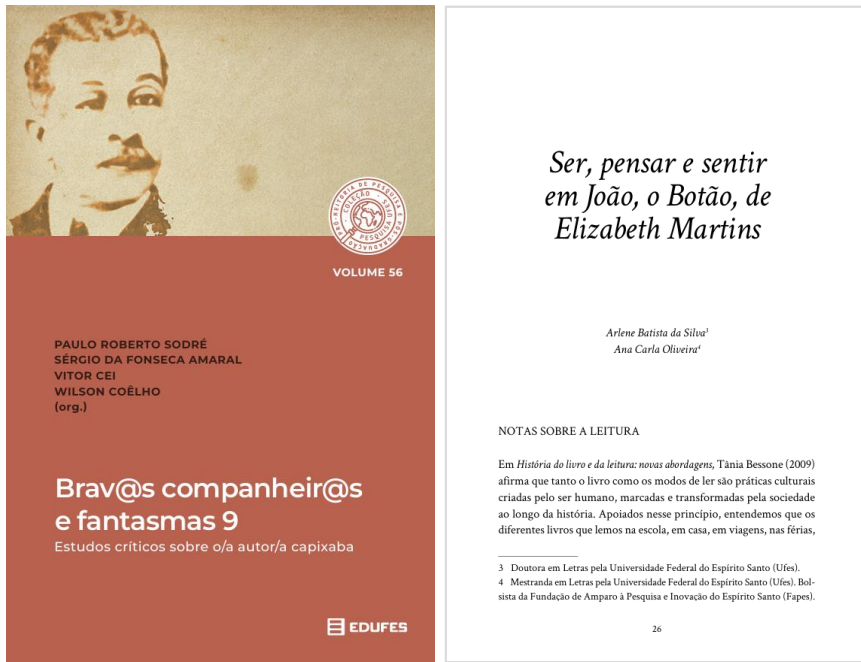
Capa da dissertação *O desvelar da literatura de Elizabeth Martins na sala de aula por meio de seqüências didáticas*, de Valkiria Rizo Terra de Orequio.



Prints da entrevista de Elizabeth Martins a Nanda Pícoli no YouTube.



Capa de *Tecendo aprendizagens utilizando contos infantis*, de Lenilza Cardoso Tavares e Ivana Esteves Passos de Oliveira, sobre a obra de Elizabeth Martins.



Capa de *Brav@s companheir@s e fantasmas 9* e página inicial do capítulo "Ser, pensar e sentir em *João, o Botão*, de Elizabeth Martins", de Arlene Batista da Silva e Ana Carla Oliveira.

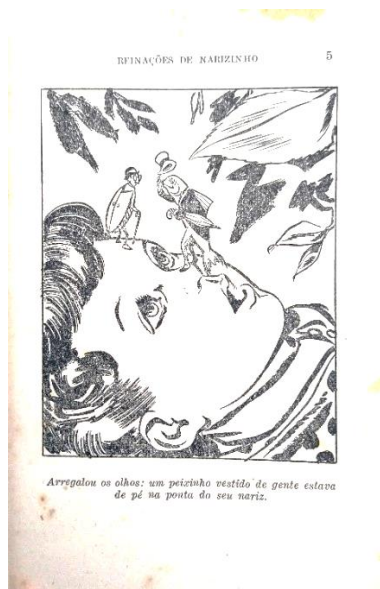
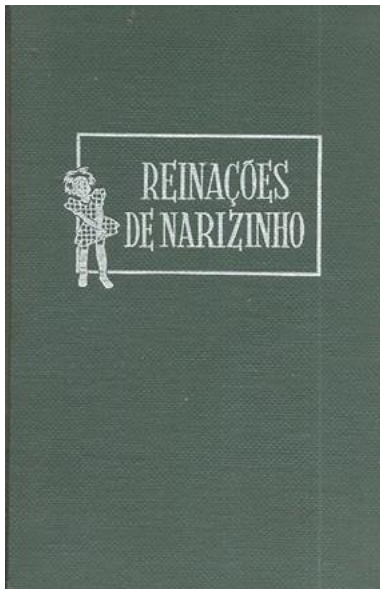
Em um cenário cultural e político desafiador, a autora continua a escrever com uma voz forte e autêntica, resistindo às pressões externas e mantendo sua integridade artística, consciente da "função social que exerce na formação humana" (SILVA; OLIVEIRA, 2023, p. 30). Sua escrita é uma forma de resistência, buscando inspirar mudanças positivas e expressar suas preocupações e esperanças para o futuro do Brasil e do mundo.



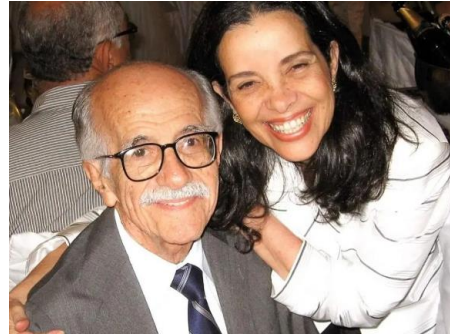
Elizabeth Martins (Foto de Caco Appel).

**V.C.: Você estreou em livro com *A bailarina cor-de-rosa* (1994). Desde então, lançou *João, o botão* (1999), *O jardim de Laila* (2007) e *Introdução à leveza* (2014), além de ter publicado crônicas em periódicos como *A Gazeta*, *Hype*, *Você* e *Intelecto*. Como você define a sua trajetória literária – houve um momento inaugural em que a leitura e a literatura entraram na sua vida ou o caminho se fez gradualmente?**

**E.M.:** A leitura entrou muito cedo na minha vida, encantada com a coleção completa da obra de Monteiro Lobato, uma edição de 1952, presenteada por meu pai, um dedicado leitor. Assim, da leitura que cresceu gradualmente em minha vida, surgiu a paixão pela literatura e um grande respeito pelos que a produziam.



Volumes da obra de Monteiro Lobato, de 1952, capa de *Reinações de Narizinho*, uma das ilustrações preferidas de Elizabeth Martins, fotografia do autor e sua assinatura (Fotos sem crédito).



Elizabeth Martins e seu pai em Manguinhos (anos 1970) e mais recentemente (Acervo da autora).

Não foi fácil expor os meus escritos, pois conheci tanta literatura magistral, nacional e estrangeira, que me sentia receosa. Porém, na maturidade dos quarenta anos, fui aos poucos buscando razões e segurança para levar ao público a minha produção.

**V.C.: A sua prosa costuma ser marcada, dentre outras características, pela presença de imagens da infância e da família, pelas relações afetivas e pela cidade de Vitória. Você poderia comentar as opções temáticas que norteiam o seu projeto literário?**

**E.M.:** Em primeiro lugar, devo deixar claro que a minha escrita é intuitiva e emocional. Não estudei literatura nem frequentei cursos formais ligados à área. Daí fica mais fácil entender que as minhas opções temáticas vêm das minhas experiências de vida em família, das amizades, dos amores, da minha cidade.



Vitória entre os anos 1960 e 70 (Foto sem crédito).

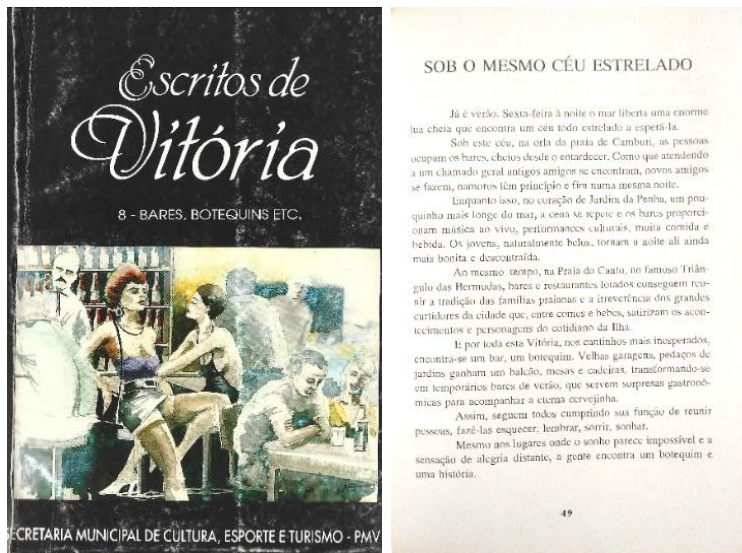


Vitória atualmente (Foto de Vitor Jubini).

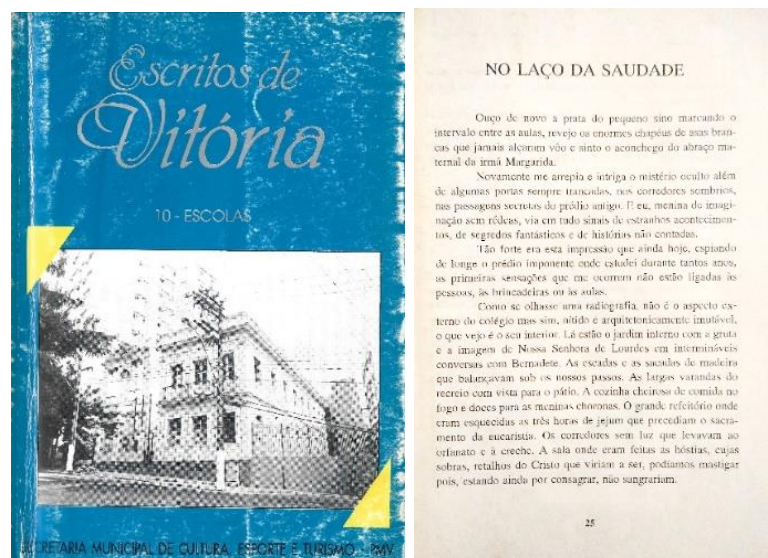


Inspirações para as crônicas de Elizabeth Martins:  
Além do centro de Vitória, seus bairros Praia do Suá e Bento Ferreira, em 1961 e atualmente (Fotos sem crédito).

Sou tocada por pequenas coisas, observo a vida cotidiana com fome nos olhos e ouvidos, gosto de observar pessoas, suas reações e jeito de ser. Ambientes, natureza, achados lá e aqui. Talvez por esses motivos a crônica tenha sido a minha primeira escolha na vida literária a ser exibida ao público.

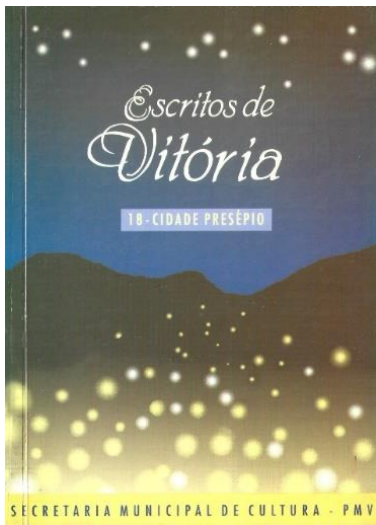


Capa de *Escritos de Vitória* v. 8 e página com crônica de Elizabeth Martins.



Capa de *Escritos de Vitória* v. 10 e página com crônica de Elizabeth Martins.





QUANDO A VI PRESEPIO

Na diccionario a palavra presepio é definida, em preto sobre branco, como: 1. Lugar onde se recolhe gado, como, erabito. 2. Representação, na tradição do Natal, do estábulo de Belém e das figuras que participaram, segundo o Evangelho, do nascimento de Cristo.

Prepio entendi-la como: lugar de aproximação acolhida, mas genericamente em seu interior iluminado e acolhedor. Assim me ensinaram a reconhecer um presepio, símbolo de vida, luz, acolhida. E assim também que, em muitos momentos, tenho visto a minha cidade.

Viória, eu e vi presepio quando na infância, morando na Cidade Alta, perretria as ladeiras e escadarias que invariavelmente levavam ao Convento de São Francisco, à Catedral, à Capela do Carmo, à Igreja de São Onofre e à capelinha de Santa Luzia. Lábios santos, tão perreito aos dos outros, tanta religiosidade no ar e aquele jeito de estar antigo que me fascinava. As portas abertas das igrejas, o pedido aos pés do santo prodígio, o melodioso ritual das missas rezadas em latim, o Natal com presepio.

Na adolescência, Viória, eu e vi presepio no bello trêmulo das janelas de luz equitativa pelo menos me permitindo adivinhar a cidade quando, voltando das férias em Manguinhos, a noite escura nos apanhava descendo a ladeira de Carapina.

Também a vi presepio, Viória, nos faces cobeadas no trânsito cotidiano por suas ruas. Rostos libertos, confiantes e tabuleiro de lutas, no ponto de ônibus atrás dos Correios, quando eu saía das aulas do meu primeiro ano de Fafá. O senhor de cabelos brancos da banca de revistas aos pés da escadaria do Palácio. A moça da bilheteria do Cine São Luiz. Rostos voluntariosos na escola diretora

Capa de *Escritos de Vitória* v. 18 e página com crônica de Elizabeth Martins.

Crônica de um "Reveilleur"

Olhou a mesa de vidro e começou a articular como iria dispor sobre ela a magia da passagem do ano. Estava disposta a brincar com as creanças e objetos, preparando uma alquimia muito sua.

Pensou em todas as recomendações que sempre nas de televisões, consultando especialistas no assunto, haviam feito chegar até ela.

Bem, para começar, a toalha. O ideal é que fosse violeta com bordados dourados. Não tinha uma. Tinha de pagar comprar. Deu riu a transparência do vidro. Assim os objetos pareceriam flutuar.

Pensou em seus desejos para o milênio (modestamente ano) que começava. Prosperidade. Amor? Proteção dos anjos? E porque não um pouco de tudo? Olhou a mesa. Era grande suficiente.

Começou a arrumar os objetos. Uma vasilha de barro com arroz cru, 7 moedas e 3 folhas de leão. Prosperidade, lógico.

Uma vasilha de violetas cor de violeta porque é a cor que absorve o Mal e o transmite em Bem. Muito necessário.

Precisava de uma pedra poderosa. Lembrou dos brancos de ametista, pedra protetora, e os colocou num canto da mesa. Sempre se pode improvisar.

Uma Bíblia aberta no Salmo 91 e, no caso de fazer a mesa do amor, nos esquece de colocar dentro <sup>da toalha</sup> o versículo 11 do mesmo salmo.

Paisagem

O dia havia amanhecido. De longe meu olhar vagava preguiçoso e acata por perder-se no pedregal e em frente. Um manto verde se instalara nos frequentes vãos da sua superfície: amarelado de folhas murchas coando com a duvida do granito. Sua irregularidade destacando-se na tranquilidade e embagaada, não era diminuída pelas desleixadas amenas transmissões de energia ergidas no seu topo, tão estranhas à natureza da pedra. Aconchegadas à sua base, casas pequenas se comprimem, parecendo coarçar: que a proximidade com aquele ser gígante tornara menos lígeas suas perdas esquiladas, enterradas na instabilidade da terra em declive, amparada por panos e afins copados.

Volto o olhar para dentro do quarto a tempo de ver Henrique, emoldurado pelo portal de peroba, um beijo nos dedos. O pluma dobrado sobre o lençol e os chinelo aos pés da cama. O sabonete ainda flutuava no ar. O guarda-chuva não está no cobide.

Volto à pedreira. Encosto o nariz na vidraça lisa e milhares mãos espartilhadas tocam a paisagem. Não ouço o primeiro grito mas posso senti-lo desfilando, para o pedreira, para dentro da minha garganta, escabendo por fazer brotar de lá um urro de dor.

Elizabeth Martins

05/01/1997

Manuscrito e datiloscrito de crônicas de Elizabeth Martins.

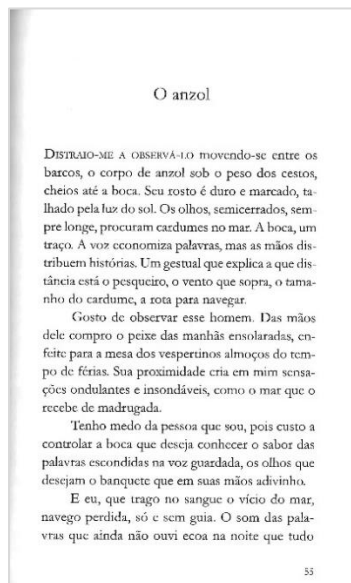
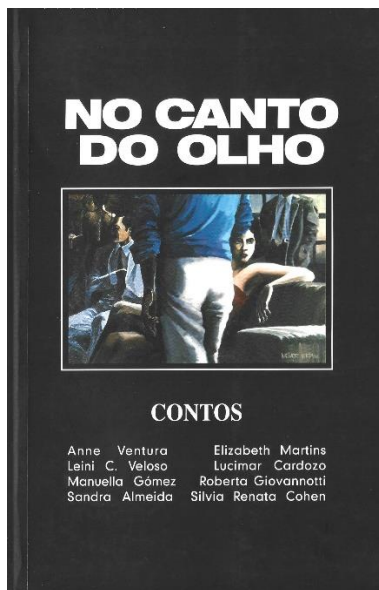


A varanda-jardim e outros instantâneos da autora, motivos de algumas de suas crônicas.

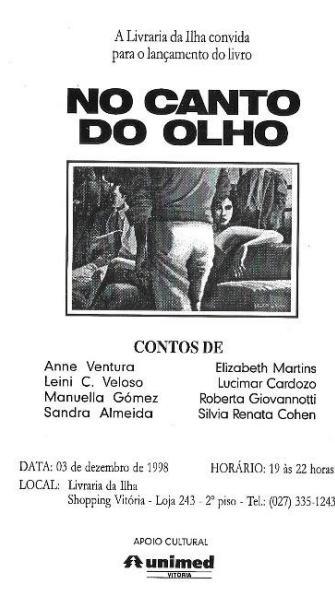
Estive, sim, participando de oficinas literárias da professora Deny Gomes já após ter publicado crônicas e o infantil *A bailarina cor-de-rosa*. Foi um tempo de muita troca e proximidade com um grupo maravilhoso que acabou por gerar um livro de contos, *No canto dos olhos*, com a supervisão de Deny Gomes.



Participantes da oficina literária de Deny Gomes (última à esquerda, em pé).  
À direita, sentada, Elizabeth Martins.



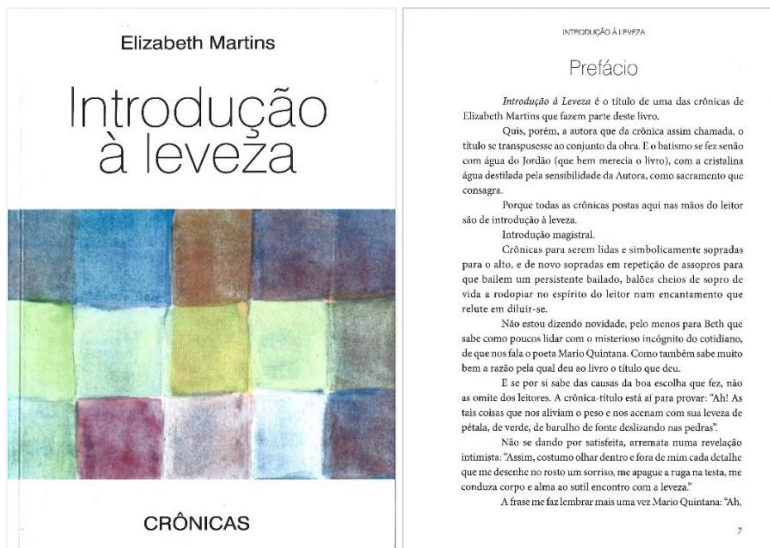
Capa de *No canto do olho*, e página com o conto "O anzol", de Elizabeth Martins.



Convite para o lançamento do livro coletivo de contos e Elizabeth Martins no lançamento.

**V.C.: Outro traço relevante da sua prosa diz respeito à preferência por uma concisão estilística que Luiz Guilherme Santos Neves, no prefácio de *Introdução à leveza*, caracterizou como "uma economia verbal que chega a ser atordoante" (NEVES, 2014, p. 08). Do ponto de vista formal, que inquietações orientam a sua escrita para crianças e adultos?**

**E.M.:** Sim, com razão, a “economia verbal” citada pelo querido professor Luiz Guilherme Santos Neves existe. Tenho sempre a intenção da concisão nos meus textos. Proponho que o leitor perceba nas entrelinhas, não fecho as histórias em definitivo, desejo que fique uma margem para interpretações particulares.



Capa de *Introdução à leveza*, de Elizabeth Martins, página com o prefácio de Luiz Guilherme Santos Neves e o prefaciador com a autora no lançamento do livro, em 2014.

Houve uma época em que escrevi vários minicontos, e foi delicioso para mim perceber até que ponto a minha concisão poderia chegar. É meio como sou, escuto mais do que falo.

**V.C.:** Seus livros *A bailarina cor-de-rosa*, *João, o botão* e *O jardim de Laila* foram ilustrados, respectivamente, por Cléria Rachel Assumpção Crema, Joyce Brandão e Rosana Guter. Após essas parcerias você percebe mudanças, em seu processo criativo, quanto à maneira de pensar e criar relações entre imagem e linguagem verbal? De que modo as ilustrações influenciam sua aproximação ao objeto literário – ou vice-versa?

**E.M.:** Na verdade, vejo a imagem como necessária ao livro infantil. A maneira como as duas, imagem e palavras, conversam e se complementam é um grande trunfo para o sucesso de um livro junto às crianças. É uma conexão imprescindível, leitura verbal e de imagem, para o prazer de ler das crianças. E quando acontece um belo encontro entre autor e ilustrador, o brilho surge na obra completa.



Ilustrações de Cléria Rachel para *A bailarina cor de rosa*, de Elizabeth Martins.



Ilustrações de Joyce Brandão para *João, o botão*, de Elizabeth Martins.



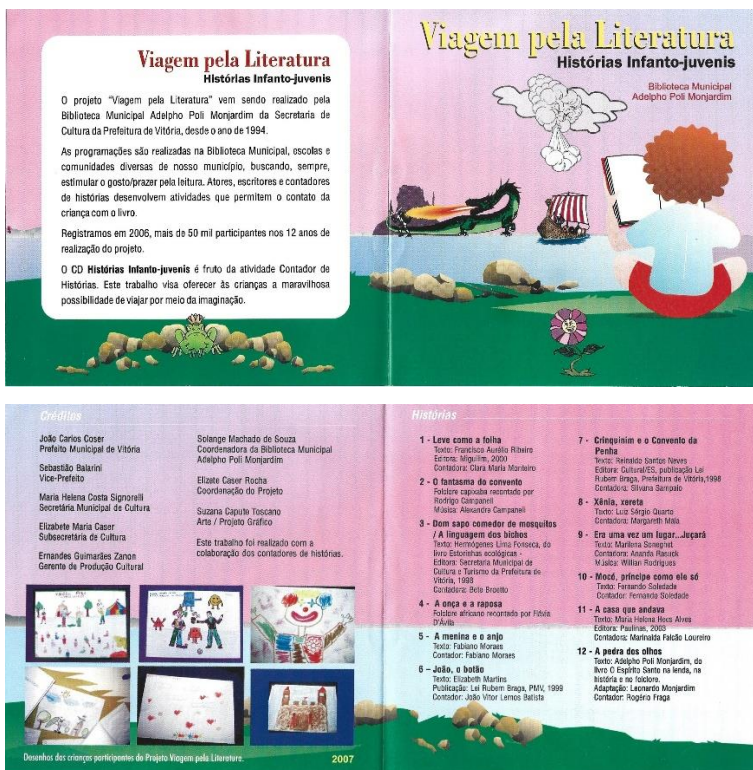
Ilustrações de Rosana Guter para *O jardim de Laila*, de Elizabeth Martins.

**V.C.:** Para quem você escreve? Avaliando o modo como elabora o estilo e a destinação de sua escrita, há um tipo de leitor específico, público-alvo ou comunidade interpretativa aos quais se endereçam seus trabalhos como escritora?

**E.M.:** As crônicas chegaram porque era um grande prazer escrevê-las. Já a literatura infantil veio de uma preocupação que me perseguia ao perceber o distanciamento das crianças com relação ao prazer de ler. À época, década de 1990, já havia um movimento de bibliotecários(os) e professoras(es) envolvidos em projetos de leitura.



Logo do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (ProLer) da Fundação Biblioteca Nacional (Foto sem crédito).

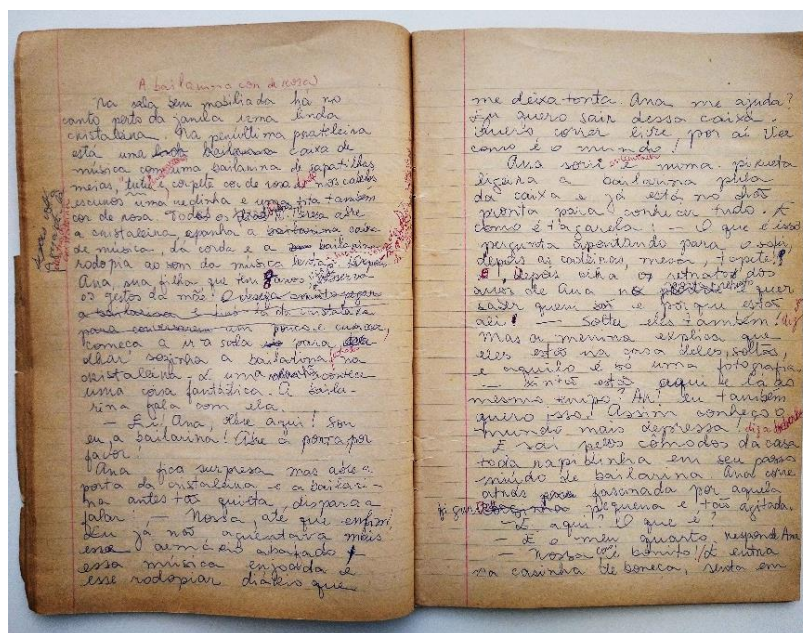


Capa do CD com contação de *João, o botão*, de Elizabeth Martins, no *Viagem pela Literatura*, programa de Elizete Caser para a Biblioteca Adolpho Poli Monjardim, da Prefeitura Municipal de Vitória.

O fato de escrever e publicar um livro infantil me credenciou a visitar escolas públicas e particulares para falar de livros e de leitura, incentivando o prazer de ler. Foi uma das grandes experiências da minha vida. O amor pelas crianças e a certeza de que não leitores perderiam um dos grandes prazeres da vida fizeram de mim a pessoa que encontrou um importante objetivo a ser buscado.

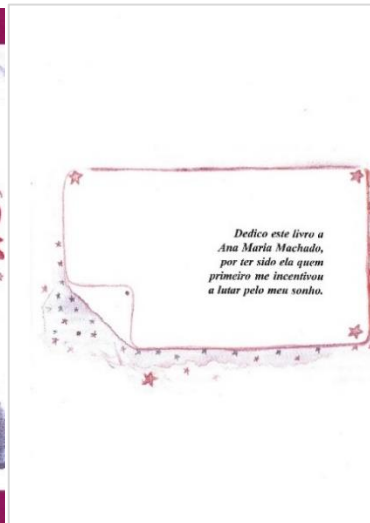
**V.C.: *A bailarina cor-de-rosa* foi dedicado a Ana Maria Machado. Atualmente, o que motiva e como se dá a construção de interlocuções com textos de outros escritores que, a um só tempo, fornecem inspiração e impõem o peso da tradição?**

**E.M.:** Devo frisar que a relação com a escritora Ana Maria Machado veio, antes, devido a relações familiares de amizade, nos verões em Manguinhos. Tive contato direto com o pai e a mãe dela, assim como com algumas de suas irmãs e irmãos mais novos, mas não com ela mesma. Porém, quando resolvi publicar, marquei uma conversa com ela em Manguinhos. Ela me recebeu e acolheu os meus escritos. Depois nos encontramos de novo e ela me fez várias observações, expondo seu pensamento sobre minha escrita. Ficou claro para mim que, num primeiro momento, ela aprovava minhas crônicas, mas não via ainda uma boa história infantil. Ela frisou que “se é um sonho, vá atrás dele”. Eu tentei um tempo até conseguir um texto que poderia ser uma história. Eis a razão da dedicatória. Mas se houve interlocução, acho que está mais para Monteiro Lobato e minhas lembranças da infância.



Manuscrito de *A bailarina cor de rosa*, de Elizabeth Martins (Acervo da autora).





Capa de *A bailarina cor de rosa*, de Elizabeth Martins, e a dedicatória a Ana Maria Machado.

Vitória, 16 de outubro de 1993.

Ana Maria,

Estou amando *Aos Quatro Ventos* já li e reli, e a impressão que fica em mim é que tudo que me faz feliz e tudo que me atormenta está descrito naquelas páginas.

A começar pela lenda medieval, assunto que sempre me fascinou, não fosse eu uma professora de História com preferência especial por História Antiga e Medieval. Depois as preocupações com a ecologia, e remeter à infância, as descrições lindíssimas como o momento em que explica a iridescência dos beija-flores. Mas, sobretudo, a angústia da pessoa que sente as coisas, as tem na cabeça, que passa para os outros mas não consegue a forma ideal de fazê-lo. O estorxo e os beija-flores como "flores brilhantes, estrelas zumbadoras, jóias leves" é muito lindo e delicado; eu também posso vê-los assim agora que você os descreveu, mas acho que não conseguiria nunca

levei um tempo  
com a impressão  
tão sutil.

algo tão sutil. Como gosto, não acho as palavras, não vejo o caminho, e me sinto muito compulsivamente. Acho que um pouco daquele pó mágico que Alexandre espalhou aos quatro ventos caiu aqui, em um caderno velho que estava guardado, e continha algumas anotações de um estudo que fiz sobre o sentimento da infância na época medieval, e em alguns séculos posteriores. Foi nas páginas em branco que estavam neste caderno que eu comeci a achar que podia me tornar uma escritora.

Ode Ana Maria, seu livro é lindo e me emocionou muito e realmente um livro sobre o ato de escrever. Ele é especial, assim como você é especial e é ótimo para nós, pessoas que amam a literatura, que você exista e começa a dizer as coisas por nós, que não conseguimos fazê-lo.

Com minha admiração

Beth

Carta de Elizabeth Martins para Ana Maria Machado, de 1993.



Ana Maria Machado e Elizabeth Martins, em Manguinhos, ES, em 2003 (Foto de Fábio Machado).

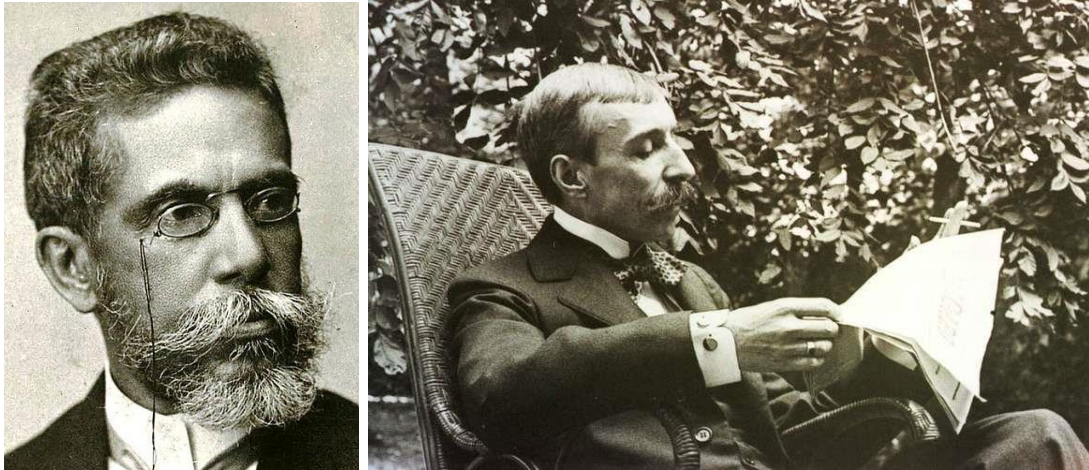


Elizabeth Martins na infância, inspiração para suas narrativas para crianças.

**V.C.:** Diante do panorama da atual literatura brasileira e estrangeira, o que você vê? Que escritores e escritoras você tem lido ou com que escritores e escritoras, brasileiros e estrangeiros, procura dialogar? Comente suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária contemporânea

**E.M.:** Vejo a literatura brasileira abrindo novos caminhos, percebo a maior aceitação da literatura feita por mulheres, novas temáticas colocadas em pauta, de forma clara e rica. No entanto, atualmente, estou num movimento de reler os clássicos brasileiros e estrangeiros. Para o meu próprio deleite me debruço sobre

a obra de Machado de Assis e de Eça de Queiroz, numa viagem riquíssima ao passado.



Machado de Assis e Eça de Queirós, preferências de Elizabeth Martins.

Também dedico parte do meu tempo lendo as obras de escritores e escritoras capixabas e tenho muito respeito por vários nomes. Minha leitura não se atém a temas ou formas específicas, mas se me apego a um escritor, vou atrás de toda a sua obra.

Já li toda a obra de Philip Roth, um pouco de John Fante, e F. Scott Fitzgerald é uma paixão. Li Ian McEwan, Virginia Woolf. Leio Italo Calvino, Mario Vargas Llosa e sou apaixonada pelos contos de Katherine Mansfield. Li muito de Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti e Lya Luft.



Katherine Mansfield, F. Scott Fitzgerald,  
Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti e Lya Luft:  
leituras fundamentais para Elizabeth Martins (Fotos sem crédito).

**V.C.:** Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, você foi professora no Ginásio Maria Ortiz, na antiga Escola Técnica Federal e no Colégio Martim Lutero. Considerando que o Brasil tem como um dos grandes desafios a tarefa educativa de formar leitores, como você compreende o papel da literatura e da historiografia na formação da criança? E quais são suas sugestões aos educadores que pretendem trabalhar com seus livros?

**E.M.:** A literatura e a historiografia são vistas por mim como aprendizado básico para o desenvolvimento de seres curiosos, com poder de interpretação e compreensão de textos, imaginativos, detentores de espírito crítico e capazes de analisar e transformar o mundo em que vivem e atuam.

Com relação aos professores que trabalham com os meus livros, os tenho visto sempre muito empenhados na construção de uma infância e juventude leitoras. O meu único conselho é que usem os livros puramente como peças literárias, e não educacionais, como se fossem paradidáticos. Creio que o leitor só é completo quando sente o prazer de ler, de ampliar a capacidade de imaginação e, gozando desse prazer, criar novos modos de pensar e agir ao interpretar o mundo.

**V.C.: *Introdução à leveza* foi publicado com apoio da Lei Rubem Braga (Lei Municipal nº 3.730/1991), um projeto de incentivo à cultura do município de Vitória. Como você avalia a contribuição de leis de incentivo à cultura, políticas públicas e prêmios literários para a divulgação e fomento do trabalho de escritores e para a formação de público leitor?**

**E.M.:** Avalio como necessárias. A dificuldade para produzir cultura é conhecida no Brasil e no nosso Estado do Espírito Santo. Tais leis são importantes quando os processos de apoio são idôneos e alcançam vários grupos de requerentes. Por outro lado, é necessário que haja seriedade por parte dos beneficiados, correspondendo aos objetivos para os quais foram criadas as leis de incentivo.



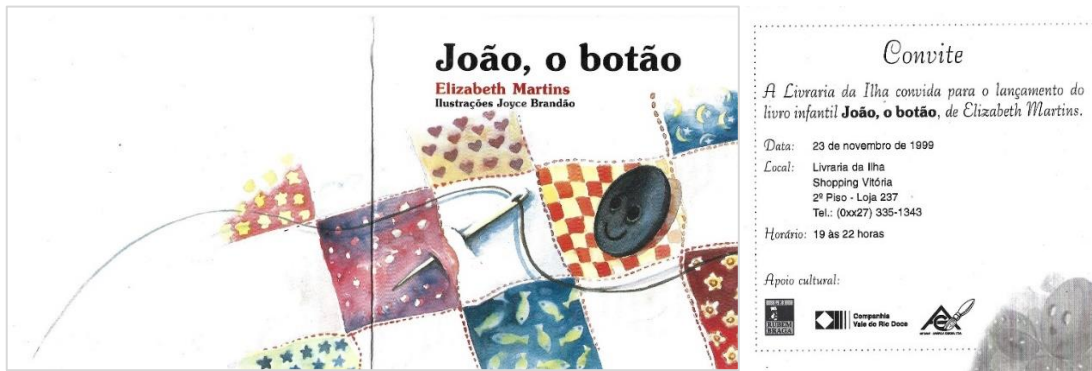
Selo da Lei Rubem Braga, da Prefeitura Municipal de Vitória, patrocinadora da publicação de *Introdução à leveza*, de Elizabeth Martins (Fotos sem crédito).

**V.C.:** Seu trabalho possui reconhecimento regional, como comprova o portfólio neste número da *Fernão*, mas o Espírito Santo é um estado que costuma receber pouca visibilidade na cena cultural nacional. Nas entrevistas do projeto *Notícia da atual literatura brasileira* foi possível constatar a percepção quase unânime entre dezenas de escritores residentes no estado no que diz respeito a circulação, distribuição e recepção restritas, com dificuldades para alcançar leitores. Seria preciso partir para a "literatura", o contato corpo a corpo com os leitores. Nesse contexto, como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra? Quais são os desafios e as vantagens de editar de modo independente?

**E.M.:** Estou nesse caminho há trinta anos e devo dizer que sim, sempre foi luta. O meu foco desde o início foram as escolas públicas e particulares. Creio que o amor pelo que eu fazia e o prazer evidente em cada encontro me abriram as portas de muitas instituições de ensino. Hoje seria impossível lembrar todas as escolas em que estive com os meus três livros infantis.

Particpei de vários projetos literários importantes, estive em vários encontros entre professores e escritores, entre pais e escritores e em instituições culturais para falar sobre a leitura e a criança. Assim vejo esse período da minha vida como muito produtivo, objetivos alcançados e percebo o carinho e o respeito pelo meu trabalho. Se muitas pessoas não sabem quem é Elizabete Martins, tantas outras já ouviram falar do livro *João, o botão*.





Lançamento de *João, o botão*, de Elizabeth Martins, com ilustrações de Joyce Brandão, à esquerda (Fotos do acervo da autora).

Quanto a editar de modo independente, foi obrigatório, pois nunca recebi ou conheci propostas de uma editora estabelecida no contexto nacional.

**V.C.:** Historicamente, nota-se o silenciamento da voz e a repressão dos corpos das mulheres e outras minorias. Como o machismo, a misoginia e outras opressões presentes na sociedade afetam a sua escrita? É possível afirmar que eles afetam, também, a recepção da sua obra e de outras escritoras?

**E.M.:** Afetam por se tornarem abusivas ao ponto de ser necessário discuti-las. Na minha escrita, essas questões aparecem incluídas em crônicas, de forma natural, no contexto da narrativa, mas nunca de forma panfletária. Atualmente, percebo que a receptividade ao trabalho de escritoras é bem maior, e a

curiosidade sobre temas femininos tornou-se mais forte do que a dúvida e a desconfiança anteriormente presentes no público leitor.

**V.C.:** Nos últimos anos, presenciamos uma onda de notícias falsas e discursos de ódio promovendo autoritarismo, machismo, misoginia, racismo, homofobia, tortura, imperialismo, fundamentalismo religioso e negacionismo científico. O que você, como educadora e escritora, imagina ou espera para o Brasil dos próximos anos? Escrever é um ato de resistência e dissidência ou a literatura não deveria ter compromisso com o contexto imediato?

**E.M.:** Se pensarmos que a literatura retrata, na maioria das vezes, a época em que o autor vive, é natural ter compromisso com o contexto imediato. Mas não podemos descartar que a ficção literária tem no bojo o que corre nas veias do autor, com seus caminhos muito particulares e visão não necessariamente realista.

**Tertúlia**  
LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

### Conheça o trabalho de Elizabeth Martins



O encontro da Literatura com a sala de aula é o que se poderia chamar de combinação perfeita. É o que atestam as experiências de inúmeros escritores com as visitas que fazem às escolas.

Elizabeth Martins é uma dessas operárias das letras que abriu mão do comodismo e da inércia e, de mãos com sua formação de educadora (para quem não sabe, Elizabeth Martins é formada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e foi professora no Ginásio Maria Ortiz, na Escola Técnica Federal e no Colégio Martin Lutero), iniciou um bellissimo trabalho com alunos da rede pública e particular.

Desde 1994 a escritora faz visitas às escolas do Espírito Santo com o objetivo de levar às crianças a idéia do livro como fonte de brincadeira e prazer, alimento para a imaginação e o sonho.

O contato com as escolas é feito regularmente com a presença da escritora após a adoção e trabalho dos professores e crianças com o livro escolhido. Nessas oportunidades a autora conversa com as crianças, autografa livros e conhece a produção delas provocada pela leitura de suas obras.

Print do site *Tertúlia – livros e autores do Espírito Santo*, de Pedro J. Nunes, e verbete sobre o trabalho e a atuação de Elizabeth Martins junto às escolas públicas e particulares



Quanto ao que espero para o Brasil nos próximos anos é o que sempre desejei: paz e empatia, apego aos valores justos, atenção à educação e prosperidade para todos nós, brasileiros.

## Referências

MARTINS, Elizabeth. *A bailarina cor-de-rosa*. Ilustração de Cléria Rachel Assumpção Crema. 3. ed. Vitória: Edição da Autora, 2006.

MARTINS, Elizabeth. *O jardim de Laila*. Ilustrações de Rosana Guter. 2. ed. Vitória: Edição da Autora, 2008.

MARTINS, Elizabeth. *João, o botão*. Ilustrações de Joyce Brandão. 4. ed. Vitória: Edição da Autora, 2011.

MARTINS, Elizabeth. *Introdução à leveza*. Vitória: Formar, 2014.

OREQUIO, Valkiria Rizo Terra de. *O desvelar da literatura de Elizabeth Martins na sala de aula por meio de sequências didáticas*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2020.

SILVA, Arlene Batista; OLIVEIRA, Ana Carla. Ser, pensar e sentir em *João, o botão*, de Elizabeth Martins. In: SODRÉ, Paulo Roberto; AMARAL, Sérgio da Fonseca; CEI, Vítor; COÊLHO, Wilson (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 9: estudos críticos sobre o/a autor/a capixaba*. Vitória: Edufes, 2023. p. 26-42.